

ERER e religiões de matriz africana: memórias, ancestralidade, educação antirracista e formação de professores

Gilberto Ferreira da Silva
Cleyde Rodrigues Amorim

O primeiro volume do dossiê *Educação das Relações Étnico-Raciais e Religiões de Matriz Africana: caminhos insurgentes* inaugurou um espaço de encontro entre experiências, pesquisas e práticas que colocam os terreiros e as tradições afro-brasileiras no centro da reflexão educacional. Ao reunir autoras e autores comprometidos com a luta antirracista, o volume buscou romper silenciamentos históricos e afirmar que as religiões de matriz africana, longe de serem um tema periférico, constituem um patrimônio civilizatório com profunda incidência nos modos de aprender, ensinar e existir no Brasil.

O conjunto de textos recebidos e eleitos para compor o primeiro volume, acabou despertando a reflexão e o dar-se conta de que estamos vivendo um período de colheita, daquilo que os ancestrais (militantes, ativistas, líderes, intelectuais, homens e mulheres) protagonizaram como movimento de defesa da vida na experiência afrodiáspórica. Tal constatação nos levou, na condição de editores a organizar os textos em três seções, que vale a pena a insistência em trazer aqui novamente: *Denúncias de um fenômeno que insiste em se atualizar; Vozes que anunciam outras epistemologias e alternativas ontológicas e Vivências e propostas de reencontros e criações na experiência afrodiáspórica*. Em síntese partimos das discussões que tomavam o racismo como fenômeno que se atualiza, passando pelo anúncio de outras epistemologias insurgentes para então, apostar na recriação e criação de novas experiências.

Assim, os textos apresentaram desde iniciativas de formação inicial, em diálogo com universidades e cursos de licenciatura, até processos consolidados de formação continuada em redes públicas. Destacou-se, em particular, a atuação de equipes multidisciplinares voltadas à implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), que vêm tensionando currículos, apoiando escolas e construindo estratégias pedagógicas capazes de enfrentar o racismo religioso que ainda atravessa o cotidiano escolar. Esses relatos evidenciaram que a formação não se limita a conteúdos, mas envolve deslocamentos éticos, corporais, epistêmicos e espirituais.

As autoras e autores mostraram como espaços, marcados pela oralidade, pelo cuidado, pela coletividade e pela força ancestral produzem saberes fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira. As experiências narradas demonstraram que visitar, dialogar e aprender com as comunidades de matriz africana transforma a prática docente, amplia repertórios e desafia epistemologias hegemônicas.

Além disso, o volume inaugural problematizou as tensões políticas que atravessam a agenda da EREER no contexto contemporâneo. Os textos apontaram os desafios impostos por discursos de neutralidade, por tentativas de censura e por movimentos que buscam esvaziar o debate racial nas escolas. Ao mesmo tempo, apresentaram estratégias criativas e coletivas de resistência, revelando que a defesa da pluralidade religiosa e da dignidade das populações afro-brasileiras constitui fundamento democrático e deve ser assumido como compromisso institucional.

Este segundo volume do dossiê *Educação das Relações Étnico-Raciais e Religiões de Matriz Africana: caminhos insurgentes* congrega um movimento contínuo que afirma, visibiliza e legitima saberes, práticas e pedagogias que há séculos sustentam processos educativos no Brasil, ainda que frequentemente silenciados ou violentados pelo racismo religioso e pelas dinâmicas coloniais que atravessam nossas instituições.

Se o primeiro volume abriu caminhos, este segundo reafirma a continuidade de lutas necessárias, busca na ancestralidade a sustentação para a continuidade e traduz uma aposta na formação de professores como estratégia de ação e de transformação dos espaços educativos, como bem preconiza a Lei 10.639/03.

É nesta pulsação que o segundo volume ganhou materialidade e foi estruturado em três seções, sendo que a primeira delas denominamos **Memórias Ancestrais em Movimento**. Esta seção reúne pesquisas que, a partir de diferentes linguagens: literatura, oralidade, rito, corpo e vivências comunitárias, evidenciam a força estruturante da memória e da ancestralidade nas tradições afro-brasileiras e, conseqüentemente, no campo da educação das relações étnico-raciais.

O estudo *MEMÓRIA EM MOVIMENTO: ancestralidade e as religiões de matriz africana em contos da Literatura Afro-brasileira* de Denise Bock de Andrade e Lúcia Regina Lucas da Rosa dialoga com a literatura afro-brasileira que, nas narrativas de Conceição Evaristo, Cristiane Sobral e Fátima Trinchão, faz emergir rastros de uma memória que resiste ao apagamento e reinscreve a presença de orixás, águas, laços familiares e saberes femininos como fios de continuidade ancestral e como acabaram por contribuir na construção da identidade afrobrasileira.

O segundo texto desta seção denominado de *MEMÓRIA, SABERES TRADICIONAIS E RACISMO RELIGIOSO: Lideranças de terreiros de umbanda e suas narrativas* de Osvaldo Martins de Oliveira e Elio Pereira Fernandes parte da escuta de narrativas de vida de lideranças de terreiros de umbanda que, ao relatarem suas trajetórias, práticas rituais e modos de cuidado, revelam como a memória coletiva se organiza no cotidiano dos templos, sustentada pelas entidades espirituais que orientam, curam e estruturam suas comunidades.

Em ambos os casos, a memória aparece como força vital, como território de elaboração identitária e como tecnologia ancestral de transmissão, reafirmando que os saberes de matriz africana, sejam literários, espirituais, rituais ou comunitários, constituem modos próprios de compreender o mundo, de enfrentar o racismo religioso e de afirmar uma pedagogia da existência que se produz no entrecruzamento de corpo, palavra, afeto e espiritualidade. Esta seção convida o leitor a perceber a memória não como arquivo estático, mas como movimento contínuo de recriação, resistência e cuidado, no qual o passado se atualiza para orientar as lutas e aprendizagens do presente. Igualmente vale ressaltar que a memória emerge como um campo de disputa, de um lado como afirmação de possibilidades de reescrita de uma história e, de outro, como enfrentamento dos processos de apagamento e violência que consolidaram a prática do racismo como ferramenta de domínio colonial.

Na seção **Educação Antirracista: Insurgências Afro-brasileiras** vamos encontrar um conjunto de textos que desestabilizam lógicas de silenciamento, confrontam projetos de censura e supremacia racial, valorizam saberes tradicionais e afirmam a centralidade das religiosidades de matriz africana na formação docente, na escola e nos processos comunitários de aprendizagem.

ESCOLA SEM PARTIDO: censura sobre educação antirracista e religiões de matriz africana de Clarice Martins de Souza Batista e Lucimar Rosa Dias expõe, com rigor analítico e contundência política, os mecanismos pelos quais o Movimento Escola Sem Partido tenta deslegitimar práticas docentes comprometidas com o enfrentamento do racismo. As autoras evidenciam como esse movimento mobiliza discursos autoritários, inspirados em estratégias fascistas de propaganda, para criminalizar professores e silenciar debates sobre raça, classe e religiosidades afro-brasileiras. Um desafio que se apresenta para ser enfrentado no cotidiano da ação docente.

A PRETAGOGIA POR CAMINHOS INSURGENTES: dois estudos de caso de Alex Kévin Ouessou Idrissou referenda a pretagogia como ferramenta vital para o

fortalecimento das relações étnico-raciais na educação e como ponte entre saberes ancestrais e práticas pedagógicas contemporâneas. O autor analisa experiências realizadas com jovens em duas instituições que promovem a cultura afro-brasileira e afrodiáspórica em Belo Horizonte e Brasília. O estudo, de cunho participativo, evidencia como o contato direto com os terreiros e suas tradições desmistifica preconceitos, amplia repertórios culturais e transforma percepções de estudantes e educadores.

Neste estudo *ESTÁGIOS DE VIVÊNCIA: música, dança e resistência na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais*, Mical de Melo Marcelino e Anderson Pereira Portuguese ao aproximar professores, estudantes e comunidade de terreiro por meio de um estágio de vivência, propõe a combinação de práticas rituais, da culinária tradicional, da música, dança e partilhas de saberes. Neste processo de interação, aspecto que vêm se constituindo como elemento marcante nas opções metodológicas que privilegiam o estudo neste campo, os autores descrevem a dinâmica do projeto, seus efeitos formativos e o reconhecimento institucional alcançado, demonstrando como o território sagrado se converte em espaço privilegiado de aprendizagem intercultural, onde pedagogias antirracistas se constroem a partir da experiência, da escuta sensível e da convivência. Destacamos um segundo aspecto neste estudo, mesmo não sendo o objeto de preocupação da pesquisa, mas revelador de uma dinâmica que tem respondido como ferramenta adequada aos desafios da pesquisa neste campo, referimo-nos aqui, ao cuidado com a descrição dos contextos em que se realizam os estudos, revelando a importância do esforço em exercitar, tanto a sensibilidade ao entrar em contato com estes universos, como o desafio em registrar como contribuição para o próprio coletivo que produz e a experimenta. Finalmente, os autores evidenciam o quanto a formação continuada de professores, quando ultrapassa os muros da escola ocupando outros territórios, ganha novos contornos se abrindo para contribuições oriundas do universo da ancestralidade.

A TRANSVERSALIDADE DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: experiências com o Baião de Princesas da Casa Fanti Ashanti em São Luís do Maranhão de Luis Félix de Barros Vieira Rocha e Georgina Helena Lima Nunes constitui-se em um convite ao leitor para compreender o sentido político e estético do ritual Baião de Princesas como fonte de práticas pedagógicas antirracistas. Corroboram o que outros estudos neste volume, quanto no volume 1 deste dossiê, já enfatizaram e apontaram como caminho rico de potencialidades para o enfrentamento

do racismo. Os autores, ao explorarem linguagens, visuais, musicais corporais e performáticas mostram como as experiências artísticas que emergem do terreiro podem colaborar para tensionar hierarquias raciais e maximizar rupturas de estruturas racistas, convertendo a arte em instrumento estratégico e arma de luta antirracista.

O texto *A MATEMÁTICA IMPLÍCITA NO PROCESSO DE PREPARO DO ACAÇÁ: um olhar a partir da Etnomodelagem* de Felipe Dias Santana, Hellen dos Santos Silva e Zulma Elizabete de Freitas Madruga, resultado de investigação de cunho etnográfico com uma Yalorixá do Recôncavo Baiano, acaba por revelar que medidas, proporções, tempos de cozimento, espacialidades e formas geométricas presentes na elaboração do acaçá, como um alimento ritual, carrega conhecimento ancestral e cultural. Os autores defendem a necessidade de currículos valorizarem os saberes afro-brasileiros e com isso sejam promotores de uma educação plural, significativa e antirracista. É o exercício de escuta de outras vozes que carregam conhecimentos e epistemologias invisibilizadas pelas estratégias colonizadoras racistas.

Os textos apresentados nesta seção apontam que práticas formativas comprometidas com as relações étnico-raciais emergem tanto da crítica aos projetos de censura quanto do reencontro com os terreiros, da convivência com lideranças tradicionais, da escuta das linguagens artísticas e da valorização dos saberes matemáticos presentes nos fazeres cotidianos. Ao contemplar análises que desvelam a crítica a projetos de maior porte como o da Escola sem Partido até práticas que se nutrem de epistemologias mantidas, recriadas e atualizadas nos espaços do terreiro, a educação antirracista vem ganhando terreno e consolidando caminhos auspiciosos, renovando as esperanças em direção a uma sociedade plural e democrática.

A seção **Educação das Relações Étnico-Raciais e Formação Docente** reúne pesquisas que colocam no centro da reflexão as condições, tensões e possibilidades da formação inicial e continuada de educadores frente às exigências ético-políticas da Educação das Relações Étnico-Raciais. Conforme já preconizamos anteriormente, se de um lado há esperança, de outro permanecem desafios. Aqui, a escola aparece como espaço de disputa e criação, em que práticas de ensino, políticas de formação e experiências formativas concretas se tornam terrenos decisivos para o enfrentamento do racismo religioso e para a valorização das religiões de matrizes africanas. Pensar, colocar a formação continuada de professores como o centro é deslocar para um campo complexo de experiências em que o cenário é o cotidiano da escola, atravessado pelas experiências sociais de cada um que compõe este coletivo, da tradição epistêmica que

habita nas ferramentas pedagógicas de ensino e nas legislações que orientam e regem a ação educativa. Assim, nesta seção, ao percorrer diferentes contextos, vivências de campo em comunidades tradicionais, ações de extensão universitária e programas oficiais de formação continuada, os textos iluminam a complexidade de construir profissionais da educação capazes de reconhecer a pluralidade religiosa afro-diaspórica, superar estigmas arraigados e reinventar práticas pedagógicas que se comprometam com a efetivação da Lei 10.639/2003.

A FORMAÇÃO INICIAL EM SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: experiências e aprendizagens em uma comunidade tradicional de matriz africana de Yamilia de Paula Siqueira, Antônio Cezar de Almeida Portugal e Larissa Franco de Mello Aquino Pinheiro é um artigo que evidencia o impacto profundo que as vivências de campo em uma comunidade tradicional de matriz africana exercem sobre licenciandos ainda em processo de constituição profissional. Ao aproximar estudantes da experiência religiosa afro-brasileira, o estudo demonstra como a imersão no terreiro desestabiliza preconceitos, amplia repertórios culturais e fortalece práticas pedagógicas sensíveis às dimensões espirituais e simbólicas presentes nos cotidianos escolares. Este estudo reforça uma das premissas que outros já vêm apontando e referendando neste dossiê, tanto no primeiro quanto no segundo volume, o conhecimento, através do contato direto, no território das comunidades de terreiro, permite uma maior e melhor compreensão dos saberes que aí circulam. Aqui reside um dos desafios que se apresenta, criar uma cultura de presença e diálogo, não somente considerando os espaços acadêmicos, mas também reconhecer estes outros territórios como possibilidades formativas e educativas.

RESPEITO E VALORIZAÇÃO DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA: um olhar para a formação docente de Ana Cristina Silva Daxenberger, Evaristo Alves de Araújo Junior e Sergio Roberto Silveira têm por objetivo discutir a relevância de processos formativos, iniciais e continuados, que articulem fundamentos teóricos e experiências práticas para o fortalecimento de ações pedagógicas antirracistas, especialmente no que se refere ao reconhecimento das culturas e religiosidades afro-brasileiras. A análise apoia-se em abordagem qualitativa, de caráter descritivo-analítico, mobilizando estudos bibliográficos e registros produzidos em uma ação de extensão universitária, examinados à luz de referenciais de educação decolonial e de valorização da multiculturalidade. Os resultados indicam que a extensão universitária constitui uma via formativa potente para a superação de preconceitos, o

enfrentamento de estereótipos e da discriminação, a ampliação de conhecimentos e a construção de novas relações sociais no contexto educacional, revelando seu potencial para a formação de educadores comprometidos com práticas antirracistas.

RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANA NO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA: a equipe multidisciplinar para a educação das relações étnico-raciais da rede estadual de educação do Paraná é o título que Maritana Drescher da Cruz, Hariane Penny De Lellis e Flávia Carolina Silva atribuem ao seu estudo. Focando em um programa de formação continuada do Paraná, a pesquisa traz à tona o desafio institucional de incorporar adequadamente as religiões de matrizes africanas nas políticas públicas de formação. Tem por objetivo compreender qual o lugar conferido às Religiões de Matrizes Africanas e de que modo essas religiosidades são abordadas na formação de professores. A partir da análise de documentos oficiais, o texto evidencia tanto os avanços das políticas de EREER no estado quanto a persistência de lacunas, silenciamentos e abordagens se revelam tímidas quando se trata de religiosidade afro-diaspórica.

Em conjunto, os três artigos mostram que, embora diferentes em escopo e metodologia, convergem na compreensão de que a formação docente é um campo decisivo para disputar sentidos, produzir reconhecimento e enfrentar o racismo religioso de maneira consistente e situada. As experiências analisadas, seja pela via imersiva das visitas de campo, pela potência da extensão universitária ou pela crítica às políticas de formação continuada, revelam que enfrentar o racismo religioso requer processos formativos comprometidos, contínuos e ancorados em perspectivas afro-diaspóricas. Os três artigos aqui reunidos mostram que não basta incluir conteúdos sobre religiões de matrizes africanas: é preciso deslocar práticas, rever paradigmas e instaurar modos de ensinar que reconheçam a força civilizatória das tradições afro-brasileiras. Esta seção, portanto, contribui para cartografar caminhos possíveis, identificar limites persistentes e convocar educadores e gestores a assumir a formação docente como projeto ético e político de transformação.

Este volume faz encontros que, no cotidiano acadêmico, costumam ser separados como se não conversassem entre si: memória, cultura, currículo, arte, formação docente, práticas comunitárias e políticas educacionais. Aqui, tudo isso se movimenta junto, como um corpo que respira ancestralidade e tensiona o presente. A circulação dessas experiências, análises e experimentações pedagógicas abre frestas por onde é possível enxergar avanços consistentes, mas também os velhos bloqueios que insistem em

permanecer: o racismo religioso que se reinventa, o currículo que silencia, as políticas de formação que ainda não alcançam a profundidade necessária, mas experimentam modos de fazer que se direcionam para os territórios onde se recriam outros modos de compreensão. A pauta que se coloca, remete a pensar deslocamentos, tanto de ordem política, quanto epistêmicas, em outras palavras: é preciso beber de outras fontes, e esta que aqui se materializa parece apontar a direção.

Por isso, neste segundo volume, como no primeiro não se limitam a apresentar pesquisas; ele chama para o exercício da escuta atenta, para a revisão crítica de nossas próprias práticas, para o gesto de se implicar e estar no mundo. Convoca também para uma ação educativa que honre as ancestralidades, reconheça seus fios de continuidade e sustente a invenção de caminhos insurgentes capazes de redesenhar, com firmeza e sensibilidade, os horizontes da escola brasileira. Que a leitura suscite encantamentos que se desdobrem em novos textos, conduzindo palavras e, com elas, outras encantarias.